

João e Guida

escreveu Ilse Losa
ilustrou Luísa Brandão

5.º Edição

Ilustrou Luísa Brandão

CÃO E GUIDA

8-2 8-2
LOS LOS

1
EDUÇÕES ASA

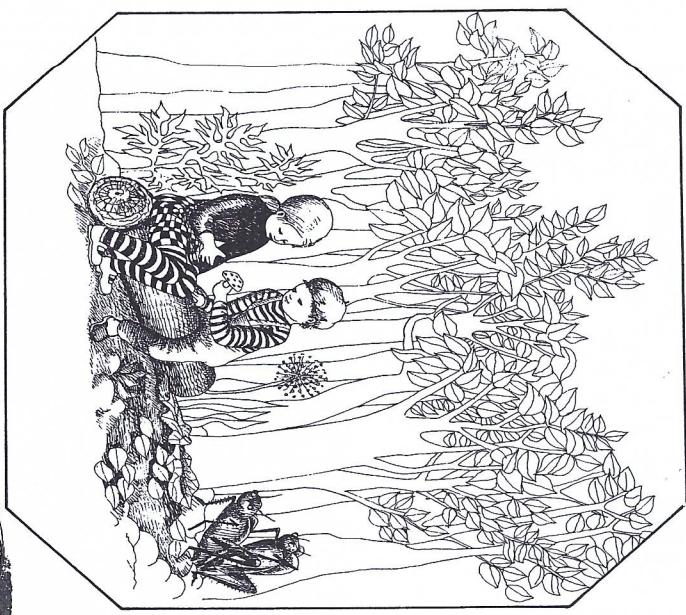


ISBN 972-41-0245-9

João e Guida

escreveu Ilse Losa
ilustrou Luís Brandão

5.º Edição



EDIÇÕES ASA

Sede

R. Martins da Liberdade, 77 / Apartado 4263 / 4004 PORTO CODEX
Telex 200279-70 / 2014183 / 2014672 / Telex 24389 P/ Telefax 2013808

Delegação

Av. Dr. Augusto de Castro Lote 110 (Chelas/Olivais) / 1900 LISBOA
Telex 8372176 / 8372325 / Telex 64394 P/ Telefax 8897247



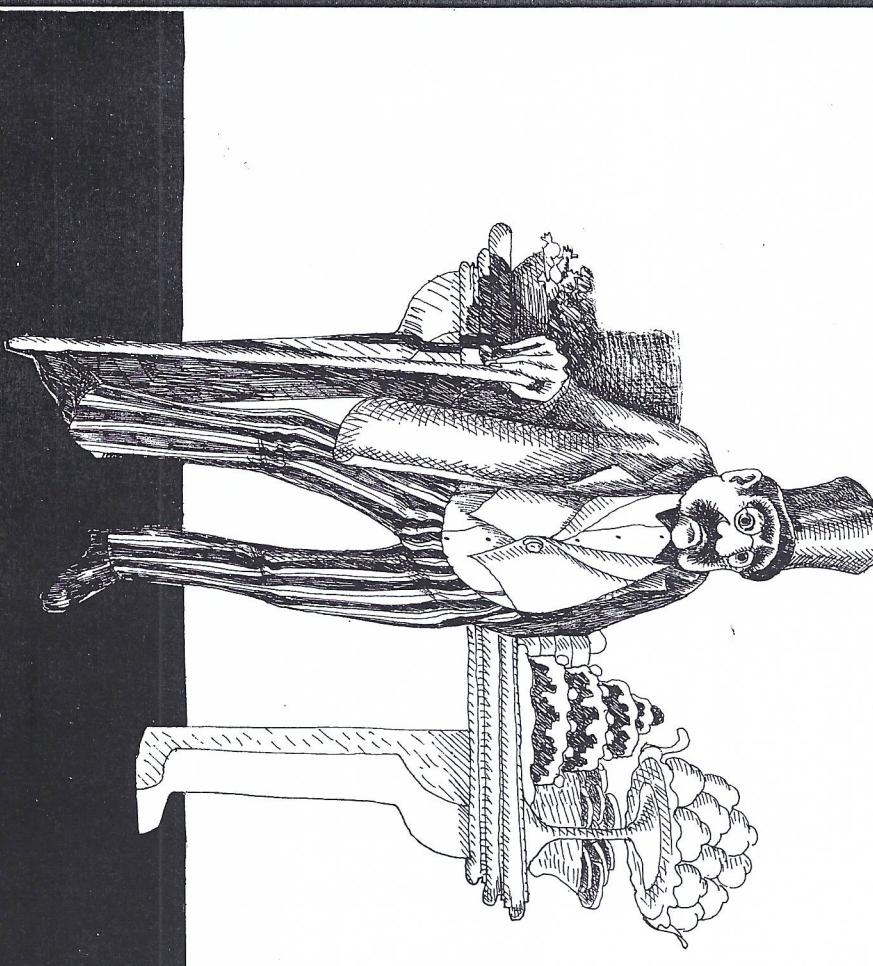
EDIÇÕES ASA



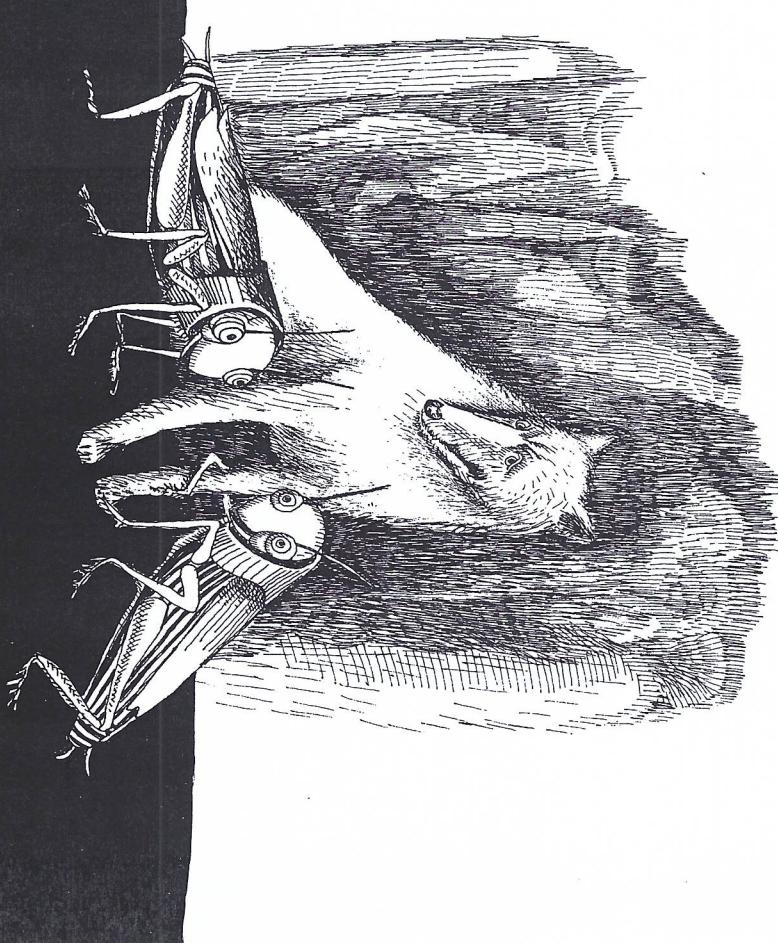
Apresentação das personagens:

O João e a Guida





O senhor Papa-Tudo



Os grilos Fabiano e Fidelino
e o lobo Xexé

NA MATA

Árvores. Folhas no chão. Ouve-se o chilrear dos pássaros. Aparece Guida, um tanto hesitante. Olha, receosa, à sua volta. De repente um ruído, qualquer coisa semelhante ao quebrar dum ramo.

Guida (*assustada*) — João! João! Onde estás, João?

João (*ao longe*) — Estou aqui, Guida. Vou já. Não te aflijas.

Guida — Anda aqui para o meu lado, anda!

João (*aparecendo. Traz um cogumelo na mão*) — Então que é isso? Outra vez medo? Já te disse várias vezes, Guida: não tenhas medo, não te acontece nada. (*Mostrando o cogumelo à irmã*) — Olha, o que encontrei. Não é bonito?

Guida (mirando o cogumelo) — O que é isto? Nunca vi coisa assim na minha vida. (Para o público:) — Vocês sabem o que é isto?

João — É um cogumelo, minha tolinha.

Guida — Deixas-me comê-lo?

João — Deus te livre! Pode ser venenoso. Não ouviste falar de cogumelos bons para comer e cogumelos venenosos? Eu cá não sei distinguir uns dos outros, por isso o melhor é não nos arriscarmos.

Guida (irritada) — Ora, então não serve para nada. Escusavas de me ter mostrado. Só para me fazeres crescer águia na boca...

João — Mas repara, Guida, é tão bonito: vermelho e com pintinhos brancos.

Guida — João, eu tenho fome. Não quero saber de coisas bonitas que não se podem comer, nem de pintinhos brancos a não ser que sejam de açúcar. Tu achas tudo bonito, o céu por ser azul, as folhas por serem verdes, os pássaros por cantarem, e agora o cogumelo por ser vermelho e ter pintinhos brancos. Eu hoje só acho bonitas as coisas que se comem. Já não há broa, pois não?

João (triste) — Não, já não há. Era tão pouca, comeu-se num instante. Mas vê se tens mais um bocadinho de paciência; com certeza há amoras aqui perto. Gostas de amoras, não gostas?

Guida — Cá estás tu a falar de amoras. Sempre a falar de amoras. E de amoras nada! Vou mas é descansar.

(Senta-se no chão e João senta-se ao lado dela. Por detrás dum a árvore espreitam os dois grilos Fidélino e Fabiano, mas João e Guida não os vêem.)



Fidelino (*para o público, em voz baixa, mas cheia de espanto*) – Quem são?

Fabiano – É gente humana.

Fidelino – Gente humana mata os grilos.

Fabiano – Não digas tolices, Fidelino! Nem pareces ter a idade que tens. Então não vês que são crianças?

Fidelino (*com ar apalermado*) – Ai são?! (*Para o público*) – São?

Fabiano (*imitando-o com zombaria*) – Ai são?! Como se isso fosse coisa de espantar. Crianças são crianças.

Tu também foste criança. E se eu não soubesse que estás um homem crescido, podia tomar-te por mais novodo que aqueles dois. Anda, vamos vê-los mais de perto.

(*Aproximam-se mais das duas crianças, mas estas ainda não os vêm. Fidelino mira-os de boca aberta.*)

Guida – Não ouviste um ruído, João?

João (*ocupado com o cogumelo*) – Não, não ouvi nada. Vá, encosta-te a mim e dorme.

(*Guida encosta-se a João.*)

Fabiano – Fecha a boca, Fidelino!

(*Neste instante, os dois meninos viram-se para elas.*)

Guida (*assustada*) – Ai!

João (*levantando-se*) – Guida! Parece impossível! Então não vês que são grilos?

Fabiano (*com ar paternal*) – Olá, meus meninos. Então por cá? À procura de amoras? Olhem que não há muitas amoras neste sítio. Para dizer a verdade, não há mesmo nenhuma. Mas, desculpem, ainda não nos apresentámos: sou Fabiano, mestre-escola dos grilos desta freguesia. E o meu irmão, guarda-nocturno dos grilos. Como se chamam os meninos?

João – Eu sou João e ela é Guida, a minha irmã.

Fidelino – Não trazem gaiolas, pois não?

Fabiano – Cala-te, Fidelino! Só dizes asneiras. (*Para o público*) – Peço desculpa, o meu irmão nunca passou da primeira classe. E agora, que está um homem feito, já é tarde para aprender; mas é uma boa alma, podem crer. Ou não acreditam?

João – Sabe, senhor grilo Fabiano, andamos à procura de comida e de fortuna.

(*Neste instante surge o lobo Xexé. Guida, de tanto medo, esconde-se atrás de João e o próprio João fica assustado.*)

O lobo Xexé – O que é que ouço dizer? Comida? Fortuna? (*Para o público*) – Ouviram bem? Comida.

Fortuna. Ah! Ah! Ah!

(Os meninos, apavorados, afastam-se para o lado.)

O lobo Xexé — Calma, calma, meus meninos, não se assistem, não vale a pena. Eu não faço mal a ninguém. Se calhar estão a tomar-me pelo Lobo Mau do Capuchinho Vermelho. Mas não sou. É que esse morreu. Já não sei quando. Falta-me a memória e, de resto, fui sempre fraco em datas. Mas que foi há muito tempo, disso tenho a certeza. (Para o público:) — Todos sabem que o Lobo Mau já morreu há muito tempo, não é verdade? Aliás, ele era tio do meu avô que se chamava Lobo Feroz e que foi o último lobo perigoso da minha família. Depois perdemos as nossas qualidades e passamos a ser Lobos Bons, coitados.

Fidelino (para o público) — Sabem como se chama este?...

O lobo Xexé.

Fabiano — Chiu! Chiu! Cala-te, Fidelino!

O lobo Xexé — Deixa-o dizer. Estou farto de saber que me chamam o lobo Xexé. (Suspira.) É uma tristeza pôrrem alcunha a um lobo respeitável. Mas ainda há-de vir o dia em que lhes prove, a todos, que ainda não estou xexé. Disto podem ter a certeza. (Suspira.) Ai, a minha vida!

(O lobo Xexé senta-se no chão, cansado. O grilo Fidelino senta-se ao seu lado.)

Guida (ainda escondida atrás do irmão) — Senhor lobo,

o que é um lobo xexé?

O lobo Xexé — Olha, minha boa menina, um lobo xexé é um pobre lobo velho, sem dentes, com dores de fígado e obrigado a fazer dieta...

Fidelino — É lobo que não diz coisa com coisa.



Fabiano – Chiu! Olha que apanhas, Fidelino.

O lobo Xexé – E você diz coisa com coisa, seu grialote?

(*Vira-se para João e Guida:*) Mas digam-me, meus meninos, o que os trouxe aqui, a esta mata? Não têm casa?

João – Somos pobres, senhor lobo Xexé. O nosso pai não tem trabalho e disse que não sabia como se arranjar para nos dar de comer. Resolvemos, por isso, deixar a nossa casa e procurar comida e fortuna.

Os outros todos – Hum... Hum...

Fabiano (*para o público*) – Pobres criaturas, não acham? (Depois, para João e Guida:) – Que espécie de fortuna procuram?

João – Dinheiro, por exemplo.

Os dois Grilos (*cantando*) – Falta-lhes dinheiro,
Falta-lhes de comer.
Se eu fosse banqueiro
Fazia-os enriquecer.

O lobo Xexé – Ai, meus meninos, enriquecer aqui na mata? Eu cá não consegui enriquecer nunca.

Fidelino e Fabiano – Nós também não.

O lobo Xexé – Vamos pensar um bocado. Ora, ora...
Enfim, o que os meninos querem é ajudar os pais,

não é verdade?

João e Guida – Queremos, sim.

O lobo Xexé (*para o público*) – São valentes, não são? (Para João e Guida:) Vou dar-lhes uma ideia.

Fidelino e Fabiano – Uma ideia!

O lobo Xexé – Vive nesta mata o meu inimigo número um: o senhor Papa-Tudo...

Fidelino e Fabiano – Huiii – cri-cri, cri-cri!

(*A música sublinha as exclamações.*)

O lobo Xexé – Chiu! O senhor Papa-Tudo vive sozinho na sua casa. É fino como um alho e mau como as cobras.

Fidelino e Fabiano – Um patifório, é o que ele é!

O lobo Xexé – Por amor de Deus, deixem-me falar. O senhor Papa-Tudo ficou assim mau porque, em novo, queria tudo para ele. Nem iri já sabe. Há mais de vinte anos que não se ri. (Para o público:) Vocês viram alguma vez um homem que há mais de vinte anos não se ri? Pois o senhor Papa-Tudo não se ri. Hão-de ver, hão-de ver.

Fidelino – É um brutamontes.

O lobo Xexé – Talvez seja um homem infeliz, sei lá. Eu cá sentia-me infeliz se não soubesse ir. Enfim, vamos ao assunto. Os meninos têm coragem para

enfrentar o senhor Papa-Tudo e tentar fazê-lo rir? São novos e engracados, talvez consigam. Julgo que ele ficará muito contente e mais feliz. E depois talvez tenham a sorte de ele vos dar uma boa ajuda. É muito, muito rico.

Fideljino e Fabiano – À nossa custa, o malvado.

O lobo Xexé – O que me dizem, João e Guida?

João (*resoluto*) – Vamos a isso.

Guida (*hesitante*) – Vamos a isso.

O lobo Xexé – E nós os três vamos convosco até ali (*aponta para um sítio*) para vos indicar o caminho.

(*O lobo Xexé, os grilos, João e Guida vão para onde o lobo apontou e acenam adeus à assistência.*)

Música. Canto.

Cautela, meninos, cautela!

Quem será que por vós vela?

O Papa-Tudo, tão cheio de manha,

Bem depressa vos apanha!

Árvores. Uma casa feita de chocolate, rebuçados, bolos e bolachas. Surge Guida. Vê a casinha e baté palmas de espanto.

**DIANTE DA CASA DO
SENHOR PAPA-TUDO**

Segundo quadro

Guida – João, João! Depressa! (*Aproxima-se mais da casinha. Para o público:*) Estou a sonhar? (*Belifscase no braço e dá um grito.*) Aí! Não há dúvida, estou viva e accordada. Tantos doces! Nunca imaginei que pudesse haver tantos doces e tão lindos. (*O/ha à sua volta a ver se ninguém a vê e depois arranca, rapidamente, um doce e põe-se a trincar.*) Que bom! Que bom!

(Aparece João, ocupado com uma pedra que traz na mão. Não repara na casa.)

João – Olha, vê tu, Guida, que linda pedra que encontro. Hei-de juntá-la à minha colecção. Deve ser uma pedra muito rara, tem um brilho azul.

Guida – Quero lá saber de pedras. Pedras ninguém as pode comer.

João – Guida, tu só pensas em comer, não tens nem um bocadinho de sentido para as coisas bonitas. (Repara agora na casa e, de espanto, deixa cair a pedra.) Mas... mas... o que estou eu a ver?! (Num impulso corre para a casa e arranca um grande pedaço de chocolate, pondo-se a comêr avidamente.) Que delícia! Que coisa boa!

Guida – Eu não te disse que havia coisas melhores do que as pedras? E achas tu que não tenho sentido para as coisas bonitas. (Tira outro doce da casa.) Tenho sentido, sim senhor, e muito sentido.

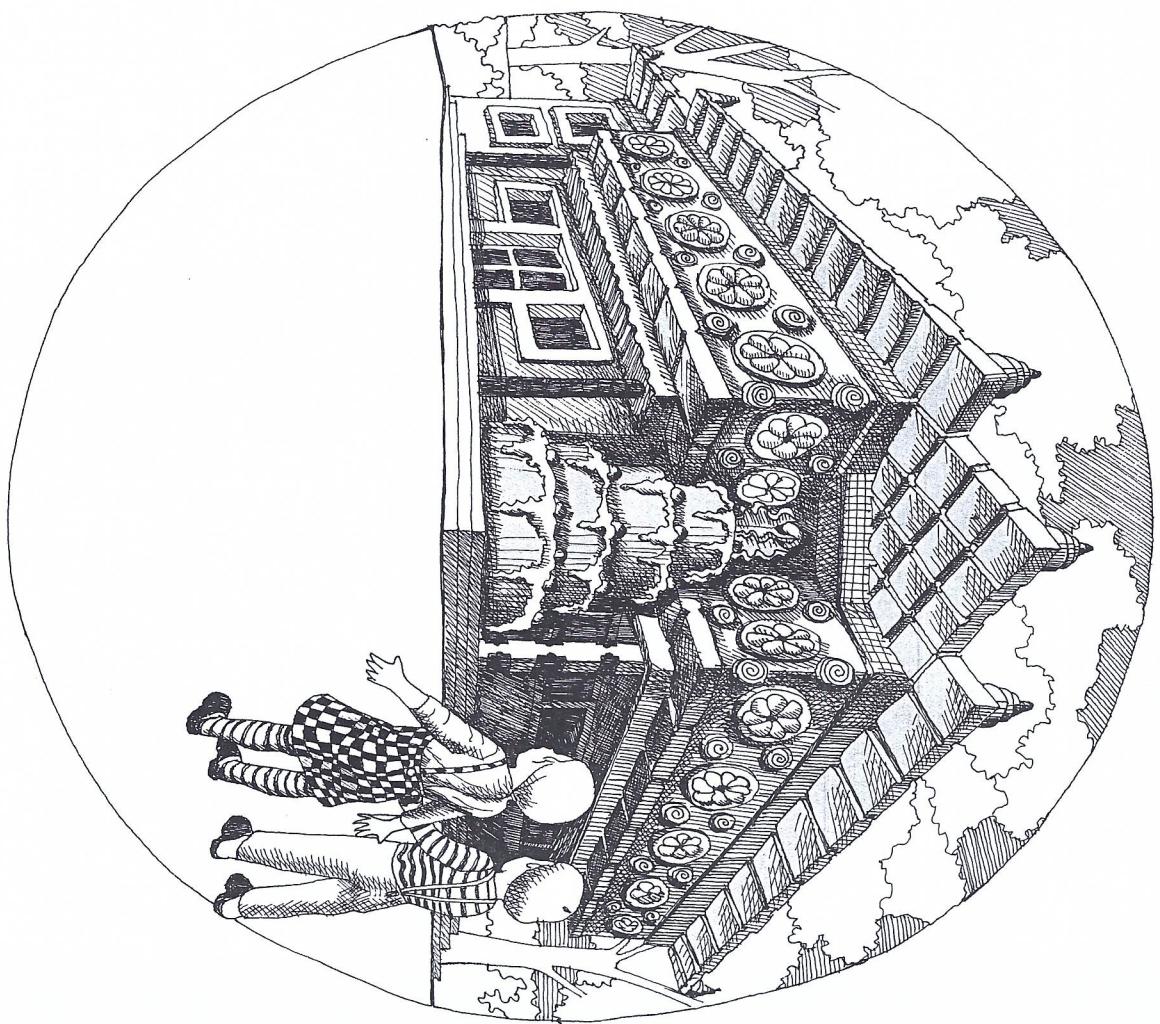
João – Eu sabia lá que havia doces tão bons no mundo! (Tira um rebuçado.) Um rebuçado cor-de-rosa, parece um sonho.

(Ouve-se dentro da casa uma voz forte e mal disposta.)

Voz – Que é lá isso?! Estou a sentir bulir na minha casa.

Quem é que está a bulir na minha casa?

João (em voz baixa) – É ele, Guida, o senhor Papa-



-Tudo. Agora arma-te de coragem e aguça a tua inteligência. Tudo depende de nós, não te esqueças. (Grita muito alto.)

É o vento!

É o vento!

É o Anjo Bento!

(Ninguém responde e João e Guida voltam a tirar doces.)

João – Uma bolacha com uma camada de açúcar por cima.

Guida – Um bolo tão amarelinho como a Lua.

A voz (de novo) – Quem é que está a comer os meus ricos docinhos?! Quem é que está a comer os meus ricos docinhos?!

João e Guida – Os ratinhos, os ratinhos!

(Abre-se a porta e sai o senhor Papa-Tudo: cara amarela, bigodaca, óculos de armação negra e grossa, cartola, bengala na mão; um aspecto um tanto fantasmagórico.)

Papa-Tudo – Não há dúvida. Lindo vento, anjo bento. Lindos ratinhos.

João (segredando a Guida) – Não mostres medo. (Para o público:) Não tenham medo! (Em voz alta:) Ora boas tardes, senhor... mas como é que o senhor se chama?

Papa-Tudo – Chamo-me Papa-Tudo, o Grande, seu ladrão!

João – Eu não sou ladrão. Só tenho fome, senhor Papa-Tudo.

Papa-Tudo – O Grande, o Grande!

João – Papa-Tudo, o Grande. Estava eu a dizer que nós, minha irmã e eu, temos fome e que foi por isso que tirámos alguns doces da sua casa.

Papa-Tudo – Fome, fome! Palavra ordinária. Que vem a ser isso afinal, fome? Eu cá não sei o que é, deve ser coisa que só acontece aos mandriões.

João – O senhor Papa-Tudo, é que...

Papa-Tudo (ainda mais irritado) – Com mil diabos: o Grande!

João (atrapalhando-se) – O senhor Grande, o grande senhor... O senhor Papa-Tudo, o Grande, deve ser rico, o senhor?

Papa-Tudo – Eu? Rico? Ora que disparate! Sou riquíssimo. Sou dono desta mata, destas árvores, sou dono de toda a bicharada que vive em redor de muitos quilómetros, fica-te com isto e não te esqueças, meu fedelho. (Para o público:) Parece impossível!

João – O meu nome é João. E esta é minha irmã, Guida.

Papa-Tudo — Nomes feios, muito feios. Guida! Já se viu uma menina inteligente chamar-se Guida? E João, João: horrível! Com que então aquela medricas é tua irmã?

Guida — Senhor Papa-Tudo, o Grande, eu não sou medricas.

Papa-Tudo (zombeteiro) — Então diz lá o que és, menina Guida?

Guida — Sou uma rapariga como outra qualquer.

Papa-Tudo — Pior para ti. Se és uma rapariga como outra qualquer, és medricas. Todas as raparigas são medricas; é por isso que as detesto. Mas já que és uma rapariga como outra qualquer, então tem a bondade de me explicar quem te mandou roubar os meus ricos doces, hem?

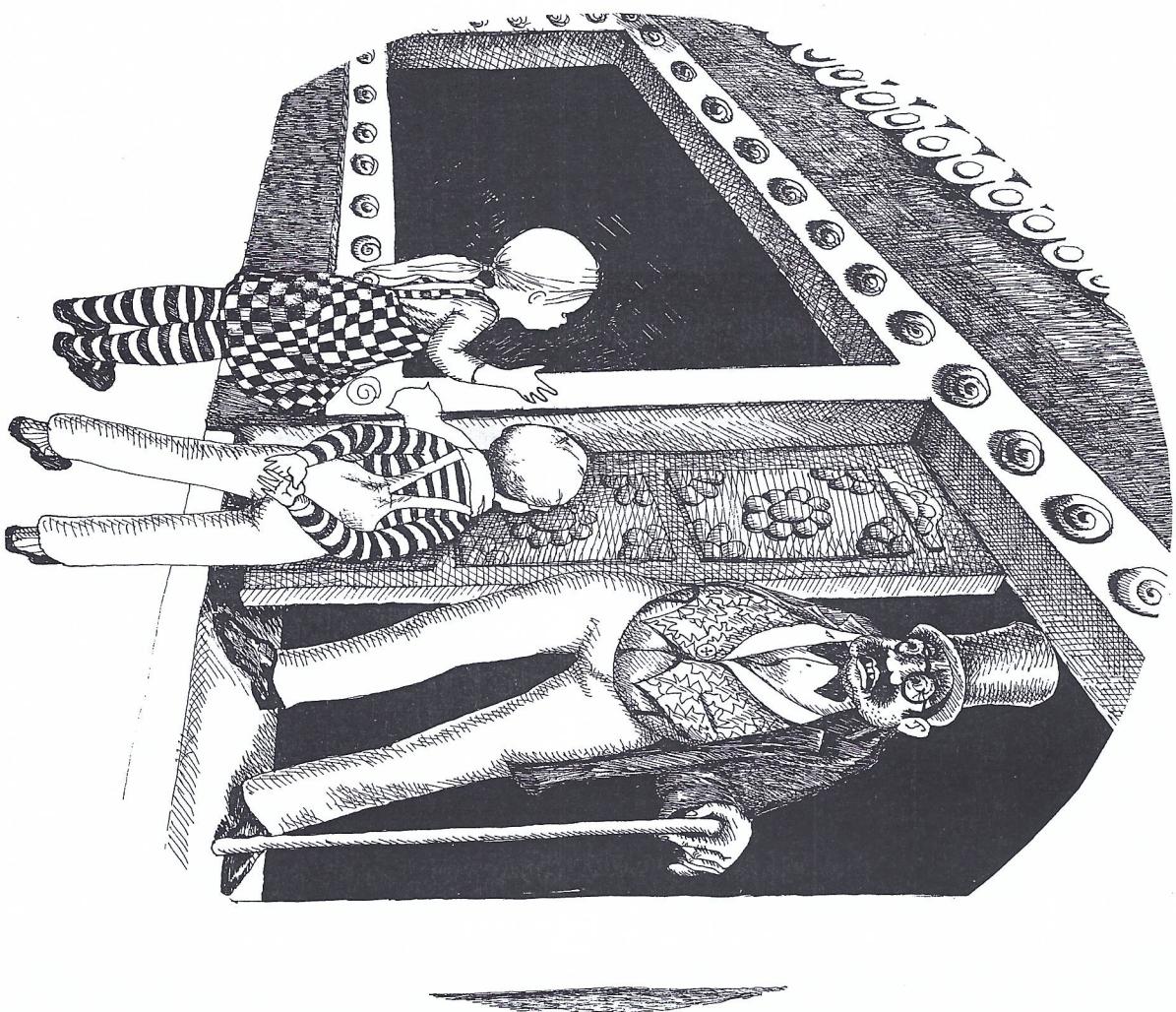
Guida — É que são tão lindos, os seus doces, senhor Papa-Tudo, o Grande.

João — São deliciosos!

Papa-Tudo — Escusado tantos elogios, não adiantam nada com isso. Estou farto de saber que não há em todo o mundo doces que se possam comparar aos meus. Ora, ora!

João (apressadamente) — Com certeza, com certeza.

(Guida, muito assustada, agarra-se a João.)



Papa-Tudo (caminha durante uns instantes dum lado

para o outro, pensativo. De repente, aproxima-se de **João e Guida**, com uma expressão mudada, amável. Mas não sorri. Esfrega as mãos. Fala com meiguice) – Então fominha, hem? E acham lindos e deliciosos os meus petiscos? Sim senhor, sim senhor, estou a ver. Escutem, meus filhinhos, tenho lá dentro coisas ainda melhores, nem imaginam, nunca sequer sonharam. Venham, venham, provem. Vênhem, venham! (Estrega, de novo, as mãos, contente com as perspectivas.)

João (em voz baixa, para **Guida**) – Chegou o momento decisivo, Guida. Agora mostra que és a minha irmãzinha valente. (Em voz alta:) Com todo o prazer, senhor Papa-Tudo.

Papa-Tudo (batendo no chão com a bengala) – Com trezentos diabos! O Grande! O Grande!

João (atrapalhando-se outra vez) – O Grande, claro, o Grande Papa-Tudo, o senhor Grande...

Papa-Tudo – Trapalhão! Não admira, com um nome tão feio! João!!!

(Entra. Os meninos seguem-no, mas viram-se para a assistência e perguntam:)

João e Guida – Acham que fazemos bem?

(Fecha-se a porta atrás deles. Aparecem o lobo Xexé

e o grilo Fidelino.)

Fidelino (espangado) – Entraram mesmo! Estou pasmado, senhor lobo Xexé.

O lobo Xexé (a bufar de cansaço) – Pasmado porquê? São meninos com coragem, não são grilos.

Fidelino – Queria ver se o senhor tinha coragem para entrar em casa do seu inimigo número um.

O lobo Xexé – Ora, ora, coragem não me falta. O que estou é cansado. Cá vim... a subir montes, a descer montes... Não é brincadeira na minha idade. Mas quando prometo alguma coisa, cumpro. Cumpro! Percebe o que isso quer dizer? E para cumprir a minha promessa não preciso de entrar em casa do meu inimigo número um. De resto, não é costume entrar em casa dos inimigos! Quando muito visitar-se os amigos. Mas hei-de proteger os meninos. Simpatizo com eles, sabe?

Fidelino – Também eu. E por isso quero ajudá-los.

O lobo Xexé (rindo alto) – Ah! Ah! Ah! Ah! O senhor guarda Fidelino, a ajudar os meninos. Essa é boa! Essa nunca aconteceu, há-de ficar marcada na história, há-de ser escrita nos livros, nos de capa lustrosa, com desenhos a cores. (Leva, de repente, a mão à anca.) Ai! Ai! o meu reumatismo.

Fidelino – Senhor lobo Xexé, o senhor tem reumatismo.

E está xexé, coitado. Tenho tanta pena de si. Deve ser triste. Eu ainda sou novo e nunca tenho dores de reumatismo.

O lobo Xexé (rosnando) — Ai, meu amigo, se eu ainda tivesse os meus ricos dentes... (Para o público:) Comia-o. Ai! Se o comia!

CAI O PANO

EM CASA DO SENHOR PAPA-TUDO

A sala: uma janela aberta, um fogão, uma mesa ao fundo, cadeira. Num canto, uma vassoura. Um retrato, com moldura dourada, do senhor Papa-Tudo. Um cortinado lateral. Numa gaiola está preso João. Guida estfrega o chão. Depois pega no balde e põe-se junto da vassoura. Em seguida mexe, com uma grande colher de pau, na panela no fogão. Depois pega na vassoura e começa a varrer.

Guida (suspira fundo) — Ai, João! Fomos apanhados. O que vai ser de nós? O senhor Papa-Tudo é mesmo mau. É muito pior do que dizem. E ainda por cima nunca se ri. E eu não vejo jeito de o fazer rir. Ele não acha graça a nada. Ontem pus-me a fazer o pino. E ele só disse (ela finge a voz grossa do senhor Papa-Tudo): «A menina não tem mais nada que fazer? Porque é que se põe a fazer palermices?» Também já lhe contei uma

Terceiro quadro

história do palhaço que fez rir o rei. E sabes o que ele disse? «Só meninas são capazes de contar histórias tão estúpidas.» Já não sei o que hei-de inventar. De cada vez está mais carrancudo. E eu estou cada vez mais triste. E uma pessoa triste não sabe rir nem fazer rir ninguém. Ai!

João — Bem sei, Guida, não é nada fácil a nossa tarefa. Tu estás triste e eu estou preso. Já reparaste como ele olha todos os dias para o meu dedo? Sabes porquê?

Guida — Não, não sei.

João — É para ver se estou mais gordo. Desconfio que me quer comer. (Para o público:) Acham que o Papa-Tudo me quer comer?

Guida — Descansa, João, por enquanto não te vai acontecer nada de mal. Escondi-lhe os óculos. Ele é muito míope. Sem óculos não vê nada à sua frente.

João — Foste esperta, Guida. És valente.

Guida — Chiu! Aí vem ele.

(Ouve-se lá fora a voz do senhor Papa-Tudo.)

Papa-Tudo — Os meu óculos? Onde estão os meus óculos?! Essa agora! Caramba! Já é de mais!

(O senhor Papa-Tudo entra.)

Papa-Tudo — Ah, estás aqui, trapalhona. Não deste com os meus óculos?

Guida — Não, senhor Papa-Tudo, o Grande. Tenho tanta pena por o senhor ter perdido os óculos. Como foi possível sumirem-se assim de repente? (Para o público:) Enganei-o! Enganei-o!

Papa-Tudo — Nada de gracinhas. Esta palerma tem o costume de dizer gracinhas. Parece um palhaço de circo. Nunca percebi para que servem as gracinhas, a não ser para perder tempo. Quero ouvir coisas sérias. E fica sabendo, menina, nesta casa nunca se perdeu nada até hoje. E não admito que se perca! Percebeu? Por isso põe-te a procurar os meus óculos e aí de ti se os não encontrais! (Vendo Guida ainda parada.) Que estás aí a fazer, minha alma de cântaro? Despacha-te. E se digo despacha-te, quero dizer, desaparece, gira e já! (Levanta a bengala numa ameaça.)

Guida — Pois sim, senhor Papa-Tudo, o Grande, vou já. (Precipita-se para fora.)

Papa-Tudo (senta-se numa cadeira e fala para o público) — Que consumição! Para que havia eu de meter vadios em minha casa? Foi uma grande asneira. Não têm respeito por mim, não sabem reconhecer a minha grandeza, o meu valor. É que eu sou o se-

nhor Papa-Tudo, o Grande. Não é por acaso que tenho este título: «o Grande». Sou o dono da mata e da bicharada em redor. Sou um génio e um ricaco. Ninguém deve esquecer-se disto: eu sou eu, o que é importante! Tudo o resto é paisagem e não vale um caracol. E por esta razão não admito que se tenham perdido uns miseráveis óculos. (Bate com o punho na mesa.) Não admito, tomem sentido. (João, caladinho, a observa-lo. De repente, o senhor Papa-Tudo vira-se para ele.) Ouviu o que eu disse, seu magricela? O senhor Papa-Tudo não perde nada, nada, nada! Concordas?

João — Concordo, pois claro que concordo, senhor Papa-Tudo, o Grande.

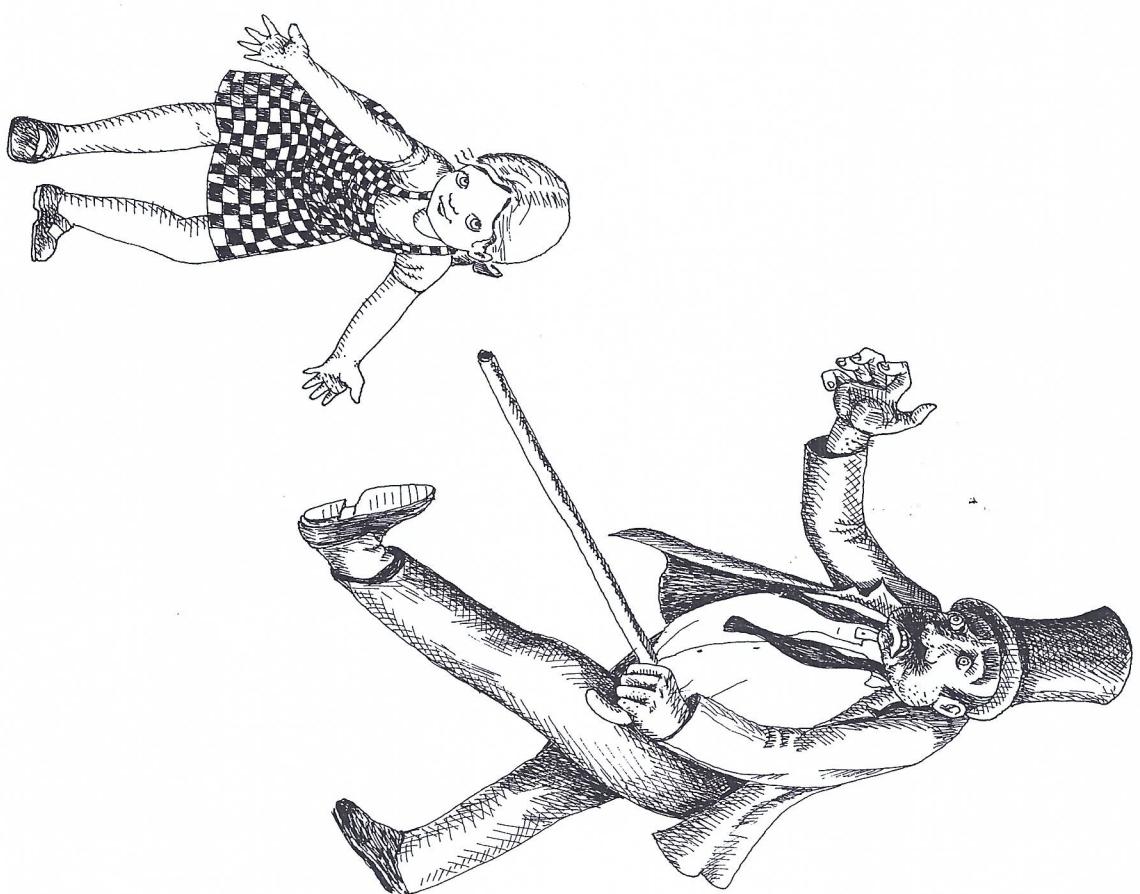
Papa-Tudo — Concordas com quê?

João — Concordo que o senhor é grande de mais para perder as suas coisas.

Papa-Tudo (*desconfiado*) — Grande de mais? Que queres tu dizer com isso, meu manhoso? Grande de mais em que sentido? (Para o público:) É manhoso que se farta!

João — No sentido de o senhor ser poderoso, magnífico, incomparável, insuperável.

Papa-Tudo — Hum, hum! Foi o que teu valeu, patife. (Aproxima-se da gaiola.) Mostra cá o dedo.



(*João estende o dedo, mas o senhor Papa-Tudo não o vê.*)

Papa-Tudo – C'os diabos! Não vejo nada. E isto tem de me acontecer a mim, é incrível!

João (*fugindo com o dedo dum lado para o outro, troçando do senhor Papa-Tudo*) – Aqui... aqui... aqui...

Papa-Tudo (*sempre procurando*) – Hás-de-mas pagar caro, prometo-te. Sabes porque é que te meti nessa gaiola? (*João faz um gesto como quem quer responder.*) Não respondas, não é preciso. E que embirro com os meninos que se julgam mais espertos do que eu. Ninguém é mais esperto do que eu e muito menos um fedelho como tu. Porque eu, sou eu, o que é importante. Ainda não apareceu quem se atrevesse a meter-se comigo. (*Bate com o punho no peito, cheio de vaidade.*) Ouviste?... Não respondas, não é preciso. E tu, um pobre diabo que veio aqui cheio de fome, tu, com o teu nome feio, queiras ser engracadinho, hem? (*Cheio de ironia, copia a voz dos meninos:*) «O vento, o vento, o anjinho! E ratinhos, ratinhos!» Ora, ora, não aprecio nem gracinhas nem fantasias. Meti-te na gaiola, comose faz aos pássaros. E hei-de comer-te. Olaré! Mas só quando estiveres bem gordinho. Porque eu não tenho fome, eu como quando bem me apetece e só aquilo que me apetece. Tenho ou não

tenho fantasia, João espertalhão? Não respondas, não é preciso.

Guida (*tornando a entrar*) – Senhor Papa-Tudo, o Grande, estou desconsolada. Não há maneira de eu encontrar os seus óculos. Já os procurei por toda a casa e até pelo quintal. (*Para o público:*) Não procurei coisa nenhuma.

Papa-Tudo – Estúpida! Palerma! Dou-te tempo até amanhã. Se não os encontrares, expulso-te de casa, e o teu irmão fica aqui na gaiola até estar bem gordo para eu o comer ao jantar. Tenho dito! (*Sai e bate com a porta.*)

(*Na janela aberta surgem as cabeças do lobo e do grilo Fidelino.*)

Guida – Estive atrás da porta a ouvir tudo o que ele disse. Fiquei cheia de medo. Que vamos fazer, João? Já não sei, palavra, já não sei. (*Põe-se a chorar. Para o público:*) Que hei-de fazer?

João – Não chores, Guida. Assim ainda é pior. Temos de pensar muito esta noite. E havemos de encontrar uma saída.

O lobo Xexé (*da janela*) – Boas tardes, meus meninos. Passaram bem?

Fidelino – Vivam meus meninos! Bons olhos os vejam.

João e Guida (com alegria) — Os nossos amigos!

Guida (limpando as lágrimas e sorrindo) — Como vieram cá parar?

O lobo Xexé — Como viemos cá parar? Ora essa! Eu conheço a mata. E sei muito bem onde fica a casa do meu inimigo número um.

Fidelino — De resto, se ele não soubesse, tinha-me a mim.

(*João e Guida riem-se.*)

O lobo Xexé — Deixem-no falar. É guarda-nocturno e não passou da primeira classe. Então o malvado do **Papa-Tudo** quer comer o **João**?

João (com voz baixa mas insistente) — Entram, entrem! Vamos falar sobre o assunto. Pode ser que a gente descubra uma saída.

(*O lobo Xexé, com dificuldade, e Fidelino saltam pela janela dentro. Com Guida juntam-se num grupo à volta da gaiola.*)

O lobo Xexé — Então digam lá o que aconteceu. O **Fidelino** e eu só conseguimos ouvir uma parte da conversa.

Fidelino — O senhor **Papa-Tudo** parecia um furacão.

Guida — Está furioso.

João — É que a **Guida** escondeu-lhe os óculos e ele agora anda como as toupeiras sem ver nada à sua frente.

Fidelino — Mas porque é que a **Guida** lhe escondeu os óculos? Só para fazer dele toupeira?

O lobo Xexé — Quem está xexé é você, **Fidelino**. Então não percebeu que o malandro andava a examinar o dedo do **João** para ver se estava gordinho? E que a **Guida** lhe escondeu os óculos para ele não saber onde estava o dedo? (Para o público:) Coitado, é um grilo.

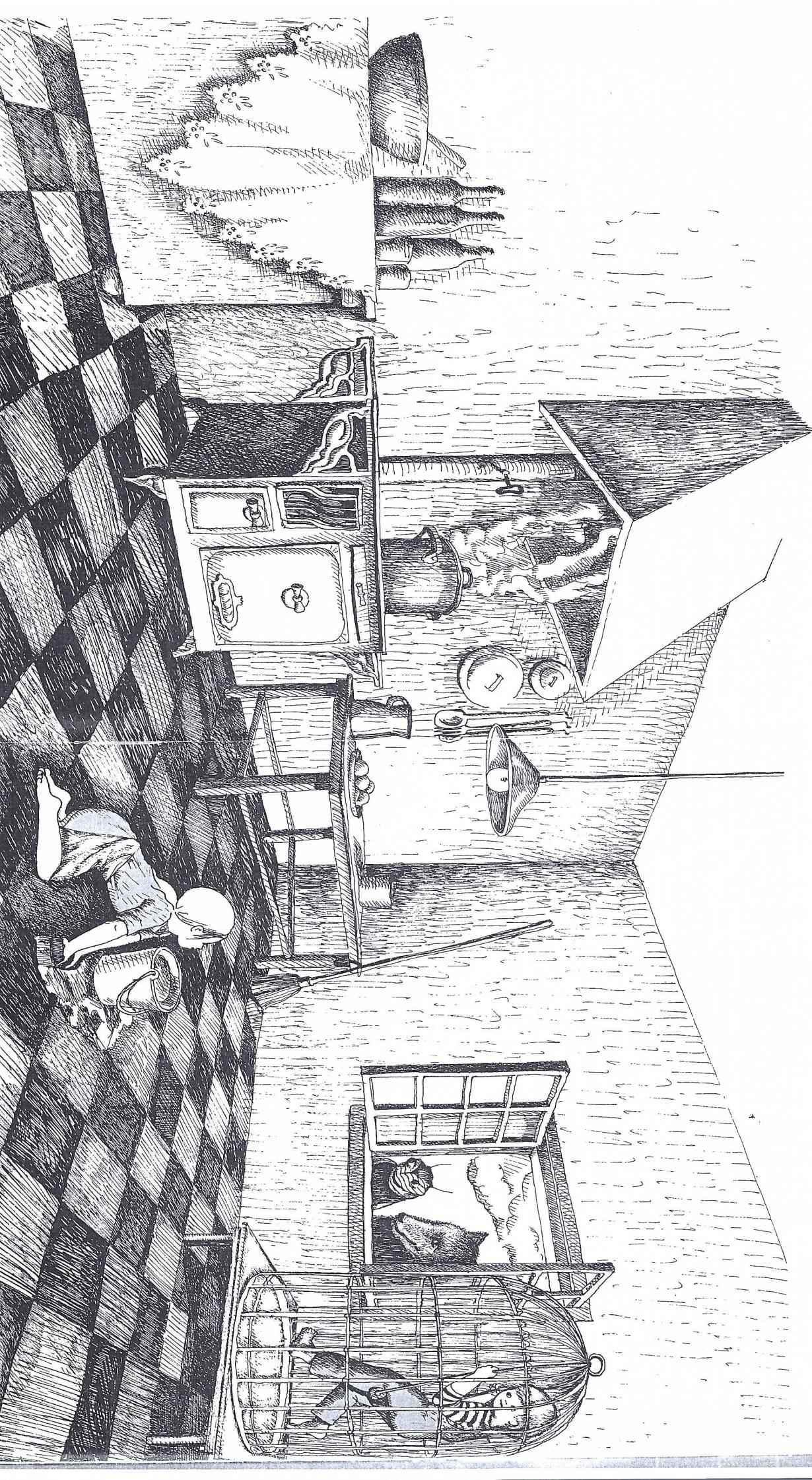
Fidelino — É espantoso! Uma ideia genial!

João — Sim, minha irmã é muito inteligente.

Guida — Ora, ora...

(*O grupo não repara que o senhor **Papa-Tudo** espreita por detrás do cortinado. Tem agora os óculos no nariz. Só se lhe vê uma parte da cara. Sem fazer o menor ruído, escuta a conversa.*)

O lobo Xexé — Mas, se não estou em erro, o meu inimigo número um deu-lhe um prazo até amanhã. Se ela não encontrar os óculos até lá, manda-a embora. E então o pobre **João** fica aqui sozinho. Precisamos, portanto, de ter outra ideia genial para o salvar.



Fidelino — Tantas ideias geniais! Estou pasmado!

João — Mas ainda não tivemos nenhuma, Fidelino.

Fidelino — Há-de-nos ocorrer num instante, vais ver. Vamos pensar.

(Todos se põem a pensar. O grupo tem um aspecto cômico: o rabo do lobo espetado no ar; o Fidelino, muito esticadinho, a olhar para o tecto com ar de quem espera que a ideia lhe caia de cima; Guida com o dedo indicador na boca; João com a cara enterrada nas mãos. Há silêncio. Passados uns instantes Fidelino suspira.)

(Música. Canto:)

Pensam e cismam!
Cismam e pensam!

E o avarento
Bem attento!

Fidelino — Ai! Já tive cinco ideias, mas nenhuma serve.

O lobo Xexé — Então esteja calado e deixe os outros pensar.

Fidelino — Volta o silêncio. Depois duns instantes Fidelino suspira de novo.)

Fidelino — Ai! Faz-me doer a cabeça de estar a pensar tanto!

Guida — Fidelino, tenha um bocado de paciência.

O lobo Xexé — Bem se queixa o seu irmão de que você já não aprende coisa nenhuma.

João (dando estalos com os dedos) — Eureka! Oicam: os óculos do senhor Papa-Tudo, o Grande, a minha irmã encontra-os amanhã, não há outro remédio. Ele volta, portanto, a olhar para o meu dedo. Mas eu, em vez do dedo, posso estender-lhe um ossinho de frango, do peito, dos mais fininhos. É que o senhor Papa-Tudo, o Grande, mesmo com óculos não nota que o ossinho não é o meu dedo. Pensa que não há maneira de eu engordar, que sou de fraca qualidade. Ele não tem fome, não sabe o que isso é, só come coisas boas. Percebem?

Papa-Tudo (com certa jovialidade, para o público) — É levado da breca, o rapaz!

Fidelino — Ideia fabulosa. Estou admirado! (Para o público:) O João é esperto, não é?

O lobo Xexé — O menino é inteligente. Tal e qual como eu, quando ainda era o lobo-filósofo.

Guida — Calha mesmo bem, parece de encomenda. Amanhã temos frango ao almoço.

João — Óptimo, óptimo.

O lobo Xexé — Estou a ver o meu inimigo número um a apalpar o ossinho do frango. (Ri-se.) Ah! Ah! Ah!

«Que magricela, diabo! Não há meio de engordar, o sensaborão, o insosso. Tenho de lhe arranjar umas pastilhas, deve estar doente.» Vai ser um gozo, vai ser um gozo. Eu fico aqui pelas redondezas com este meu companheiro (aponta para *Fidelino*) que não me larga.

(O senhor *Papa-Tudo* ri-se um pouco, mas virado para o público.)

Fidelino — Pois que é que o senhor quer? Eu não o posso largar. O senhor precisa de quem olhe por si. Não tem dentes, coitado. E está xexé...

(Neste instante o senhor *Papa-Tudo* desata numa gargalhada que parece não ter fim. Os outros viram-se, surpreendidos. Mas a risota do senhor *Papa-Tudo* é tão forte que pega a todos. E todos riem. A música sublinha o riso.)

Papa-Tudo (ainda segurando a barriga de tanto rir, aproxima-se da gaiola, tira do bolso uma grande chave e abre-a) — Vá, sai daí, seu finório. Então um ossinho de frango, e do peito... (Ri-se. Depois dirige-se a *Fidelino*, que se põe muito teso.) E o senhor tem de tomar conta do senhor lobo, meu inimigo número um. (Para *Guida*.) E tu, esperta-lhona, escondeste-me os óculos, sim senhora. Mas o senhor *Papa-Tudo* também é esperto e encon-

trou-os! Com isso não contavas, hem? E agora prepara uma jantarada boa! Frango assado, com muitos ossinhos do peito. E arranca uns quilinhos de chocolate da fachada. E rebuçados. Hoje vamos ter festal (Abre os braços e respira fundo.) Como me sinto bem! Parece que tomei um banho delicioso. Que bela disposição!

(*Guida* precipita-se para fora, toda contente. O lobo Xexé e *Fidelino* desenvolvem grande actividade: põem na mesa a toalha, talheres, copos, etc. João trata de acender o lume. Daí a um bocado *Guida* volta com um braçado de chocolate e rebuçados, que deixa cair sobre a mesa.)

Guida — Deixei ficar um buracão na fachada!

Papa-Tudo — E não te esqueças do pudim... O pudim de amêndoas... (Para o público.) Que grande dia de festa!

(Abre-se a porta e entra o grilo *Fabiano*.)

Fabiano — Alguma novidade? O meu irmão está aqui?

Papa-Tudo — Entre, entre senhor *Fabiano*. O seu irmão está aqui, pois claro. E o senhor, tem passado bem?

Fabiano — Obrigado, vamos indo; mas estou espartado consigo, senhor *Papa-Tudo*. Tão bem disposto!

Papa-Tudo — É verdade, é verdade. Graças a estes dois

meninos (*aponta para João e Guida*).

Fidelino – E graças a mim também.

Papa-Tudo – Oiçam todos: quero agradecer-lhes. A minha vida era triste e solitária. Já nem sequer sabia rir. Vou dar-vos uma parte das minhas riquezas. Afinal para que preciso de tanta coisa? (*Para o públ/ico.*) Não acham também?

Todos (em coro) – Ora vejam, ora vejam!

Fidelino – Estou muito contente, senhor **Papa-Tudo**.

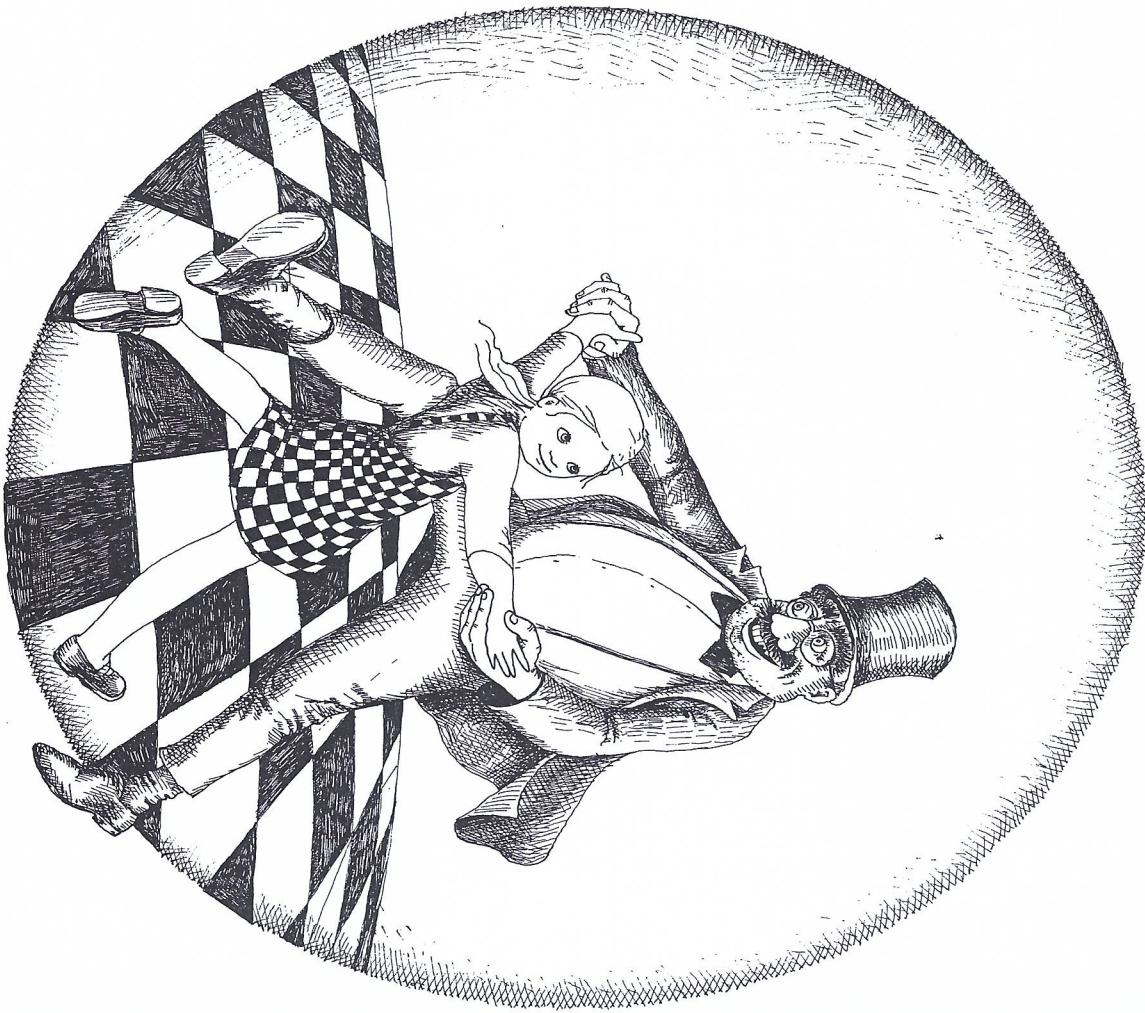
Agora o senhor é um homem de truz!

Fabiano – **Fidelino**, que maneira de falar é essa?

João e Guida – Muito obrigado, senhor **Papa-Tudo**, o Grande...

Papa-Tudo – Ora, meus filhos, deixem-se disso agora.

O Grande! E aproveitem a ofertal! Nunca se sabe o que vai acontecer. Talvez já me venha a arrepender amanhã da minha bondade. Gente como eu não merece confiança. Por isso digo-vos: nunca fiando! nunca fiando! E este senhor lobo Xexé – Oh, perdoe-me a expressão, amigo lobo, acredite, foi sem querer. (*O lobo Xexé faz um sinal como quem diz que não tem importância.*) – Pois o amigo lobo, se quisesse, podia ficar a viver comigo. O João e a Guida, esses hão-de querer voltar para junto dos



país. Mas o amigo lobo e eu somos velhos (*com um sorriso travesso*) e um bocadinho xexés, faríamos boa companhia um ao outro. O que me diz?

O lobo Xexé — Oh... não digo que não... Afinal a vida é difícil para um lobo da minha idade...

Fidelino — ...que não tem dentes.

(*Todos se riem. Toca uma música. O senhor Papa-Tudo pede à Guida para dançar. Em seguida, quanto pode ser, todos formam pares e dançam. O lobo Xexé pega num lado do pano de boca e começa a fechá-lo.*)

O lobo Xexé — Esta festa vai levar todo o dia e toda a noite. Vamos comer, cantar e dançar. É festa rija, como diz o meu amigo Papa-Tudo que já foi, em tempos, o meu inimigo número um. Vai ser uma festa agradável, para nós, aqui na mata, mas para vós, queridos espectadores, não pode ter grande interesse. Já viram o mais importante. Por isso voltem para as vossas casas e não deixem de se lembrar de nós, de vez em quando, ouviram? (*Entretanto o pano fechou completamente.*) Pronto, já trabalhei o suficiente. De ora em diante vou passar os últimos anos da minha velhice em companhia do meu amigo, o senhor Papa-Tudo Xexé, se ele não se arrepender de me ter convidado pois lhe ouvi dizer: nunca fiendo! (Em voz baixa, para o público:) É que é velhaco, não é?

Fidelino (metendo a cabeça de fora) — Senhor lobo Xexé!

Senhor lobo Xexé! A Guida quer dançar consigo.

O lobo Xexé (atrapalhado) — Formidável! Que honra! Vou já, vou já! Adeus, minha gente, adeus! É pena não me poderem ver dançar com a Guida, é pena. (Desaparece. Música.)

CAI O PANO

FIM